

As pedagogias culturais e a constituição de identidades juvenis¹

Letícia Fonseca Richthofen de Freitas²

RESUMO

Muitos são os estudos realizados nas últimas décadas sobre a juventude. Mesmo que esta fase da vida pareça ser marcada pela constante transfiguração, é possível demarcarmos algumas dimensões em que os jovens constituem suas múltiplas identidades. Em um mundo no qual as identidades se expressam cada vez mais por meio da própria imagem corporal e pelo uso de artigos de consumo, as *tribos* seriam uma maneira de os jovens se constituírem, marcando sua identidade e diferença. Este artigo analisa o papel desempenhado pelos Centros de Tradições Gaúchas no sentido de interpelar jovens e de inseri-los no universo do gauchismo. Pode-se considerar que estes jovens, unidos através do universo simbólico do gauchismo formam uma tribo e se constituem identitariamente a partir de tais elementos.

Palavras-chave: pedagogia cultural, identidades juvenis, identidade gaúcha.

Cultural pedagogies and the making of youth identities

ABSTRACT

There have been many youth studies in recent decades. Even if this stage of life seems to be marked by constant change, it is possible to define some dimensions in which young people make their multiple identities. In a world in which identities are expressed more and more by the very body image and the use of consumer products, tribes would be a way in which young people would constitute themselves, marking their identity and difference. This paper analyses the role Gaucho Tradition Centres play as to embedding young people into the Gaucho universe. It is possible to consider that these young people, united by the Gaucho symbolic universe, make up a tribe and constitute an identity from these elements.

Keywords: cultural pedagogies, youth identities, gaucho identity

¹ Trabalho de pesquisa divulgado anteriormente no 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e no Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso.

² Doutorado e Pós-Doutorado em Educação (UFRGS); Professora do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado da Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Sobre Currículo Cultura e Sociedade da UFRGS; e-mail: leti.freitas@terra.com.br

Muitos são os estudos realizados nas últimas décadas que se debruçam sobre esta categoria que constitui um campo tão ambíguo de conceituação: a juventude³. Mesmo que esta fase pareça ser marcada pela ambivalência e pela constante transfiguração, é possível demarcarmos algumas dimensões em que os jovens expressam e constituem suas múltiplas identidades.

Para iniciar, é necessário explicitar que, ao tentar delimitar minimamente o conceito de juventude que norteia este trabalho, não há como pensá-lo a partir de um *continuum* temporal e (a)histórico e nem como limitá-lo a definições biológicas como as de idade. Em contraposição a estas idéias, este artigo tem como premissa o fato de que a juventude “é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma ‘eência’ e, nesse sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil está necessariamente vinculada aos contextos sócio-históricos, e é produto das relações de poder em uma determinada sociedade” (REGUILLO, 2003, p. 104). Sendo assim, cabe lembrar que a maneira como as mais diversas sociedades têm definido e demarcado a juventude, tem variado através do tempo e das diferentes etapas históricas.

De acordo com autores como Reguillo (2003) e Feixa (1999), o conceito de juventude como o entendemos atualmente é uma invenção do pós-guerra, época na qual houve uma série de condições de possibilidade para a emergência de um discurso jurídico e escolar – além de um crescimento industrial efervescente – que reivindicava os direitos dos jovens e das crianças e que os considerava, os primeiros, como sujeitos de consumo. Sendo assim, há que se considerar, conforme argumenta Reguillo (2003), três elementos que dão sentido e especificidade ao mundo juvenil e que nos auxiliam no sentido de tentar delimitar o “sujeito juvenil”.

O primeiro diz respeito ao surgimento e à utilização das novas tecnologias. Segundo a autora, seria evidente que a “realização tecnológica e os valores a ela associados” incrementam as desigualdades sociais e econômicas já existentes, havendo, sobretudo na América Latina, um empobrecimento estrutural, principalmente dos jovens. Apesar de concordar

³ Em relação ao tema *juventudes*, destacam-se os estudos realizados pela Professora Dra. Elisabete Maria Garbin e seu grupo de orientação, no Núcleo de Estudos Sobre Currículo Cultura e Sociedade/NECCSO da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

com Reguillo em relação à influência que as novas tecnologias possuem para o sujeito juvenil, alinho-me mais a posturas de autores que consideram não somente o seu lado negativo, mas também as possibilidades de encontro propiciadas pelas novas tecnologias, uma vez que, a partir delas, os jovens podem “conectar-se com jovens de todo o planeta, dando-lhes a sensação de pertencer a uma comunidade universal” (FEIXA, 1999, p. 46).

Retomando os três elementos elencados por Reguillo que delimitam o mundo juvenil, há que se considerar, em segundo lugar, o direito de integração na sociedade, ou seja, o momento em que os jovens ingressam no universo de direitos e de deveres cidadãos.

Por fim, em terceiro lugar, destaca-se a importância das indústrias culturais na construção e na reconfiguração dos sujeitos juvenis. É inegável o fato de que “o vestuário, a música e certos objetos emblemáticos constituem hoje uma das mais importantes mediações para a construção identitária dos jovens” (REGUILLO, 2003, p. 106). Dessa forma, conforme assinala Garbin (2006, p. 201), a condição de ser jovem “deve ser compreendida como comunidades de estilos atravessadas por identidades de pertencimento”.

A partir do pertencimento às mais diversas comunidades de estilos, os jovens se identificam com “os seus” ao mesmo tempo em que se diferenciam dos outros, sobretudo do mundo adulto, em um constante jogo de identificação-diferenciação. Ser jovem, portanto, é pertencer, em maior ou menor grau, a uma comunidade de estilo, e é também expressar coletivamente – através de galeras e de tribos, por exemplo – as suas experiências sociais, constituindo as assim chamadas “culturas juvenis” (GARBIN, 2006; FEIXA, 1999).

Abramo (1994, p. 83), em seu estudo a respeito de grupos de jovens *punks* de várias cidades brasileiras, afirma que “alguns grupos de jovens vão construir um estilo próprio, com espaços específicos de diversão e atuação, elegendo e criando seus próprios bens culturais, sua música, sua roupa, buscando escapar da mediocridade, do tédio, da massificação e da própria imposição da indústria da moda”. Nesse contexto, é interessante analisar o caso de jovens que se reúnem em torno do universo do tradicionalismo gaúcho, através de instituições como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e de todas as atividades ali desenvolvidas, no sentido de marcarem um pertencimento identitário a partir de tal universo.

Com base nessas considerações iniciais, será feita, a seguir, uma breve retrospectiva sobre a criação dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), para, então, passarmos às entrevistas realizadas para este trabalho. Serão analisadas narrativas de jovens que nasceram e moram em Mato Grosso – nas cidades de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis - e de alguns de seus pais – estes últimos, na sua maioria gaúchos que migraram para tais cidades – no sentido de questionar a produtividade da assim chamada “pedagogia do gauchismo” na constituição identitária destes jovens. Ao utilizar o termo “pedagogia do gauchismo”⁴, considero justamente as diversas maneiras de se ensinar alguém a se tornar um gaúcho, como deve se vestir, dançar, preparar o chimarrão, etc. Uma vez que, para “ser gaúcho” basta seguir determinados preceitos e práticas, o acesso à identidade gaúcha parece ser estendido a todos.

O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

O que considero importante discutir aqui é o surgimento de uma determinada maneira de “ser gaúcho”, baseada em certos valores difundidos pelo gauchismo e pelo tradicionalismo⁵, no sentido de entendê-la na sua historicidade e de uma forma não naturalizada. Essa maneira de “ser gaúcho” é inspirada no assim chamado mito do gaúcho⁶.

A figura emblemática e mítica do gaúcho, cuja representação ainda hoje circula em diversos discursos e artefatos, teve a sua constituição, a sua invenção, forjada graças a inúmeras condições históricas que possibilitaram o seu surgimento, tendo sido apropriada pelo discurso literário, político, etc. e é utilizada nos dias de hoje como símbolo de todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul. Os discursos e dispositivos pedagógicos da escola, da mídia, e as comemorações e artefatos do nosso cotidiano, interpelam sujeitos, “convidando-os” a tornarem-se gaúchos e gaúchas de acordo com a representação contida nessa figura mítica.

Cumprе relembrar que o primeiro Centro de Tradição Gaúcha, o 35 CTG, foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1948. Já em 1947, alguns jovens

⁴ Para um maior aprofundamento sobre a constituição das identidades de gaúchos que migraram do Rio Grande do Sul, consultar FREITAS (2006).

⁵ Tal análise foi realizada de maneira mais aprofundada em FREITAS (2002).

⁶ Esse entendimento da existência de uma figura mítica do gaúcho está atrelado a uma visão a qual considera que haveria uma figura “real”, “verdadeira” do gaúcho e uma figura mítica, que não corresponderia à realidade.

do Colégio Estadual Júlio de Castilhos⁷ em Porto Alegre, criaram o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil, organizando a primeira Ronda Gaúcha⁸, de 7 a 20 de setembro daquele ano. De acordo com o depoimento de Paixão Côrtes (1994, p. 43), estes jovens sentiam-se invadidos pelo avanço da cultura norte-americana no país, a qual estaria descaracterizando o que eles consideravam ser a cultura sul-rio-grandense⁹. Nesse sentido, eles buscavam “uma trilha, diante da perda de fisionomia regional que se processava. A descaracterização precisava ser combatida. O Rio Grande precisava reaguar-se. Esses jovens lutavam por seus espaços e estavam decididos a conquistá-los, com o maior respeito, dentro do contexto sócio-cultural rio-grandense. (...) Procuravam a identidade da terra gaúcha”.

No dia 24 de abril de 1948 foi fundado o 35 CTG – Centro de Tradições Gaúchas, numa referência ao ano de deflagração da Revolução Farroupilha, em 1835. No boletim número 1 do 35 CTG são definidas as características e finalidades do 35:

O nome 35 se originou da revolução farroupilha. São as virtudes lendárias dos gaúchos da geração de 1835 que hão de nortear os nossos passos. A finalidade do 35, sob o aspecto cultural, é o estudo do folclore e da história do Rio Grande do Sul e sua divulgação através da palavra falada, ou escrita, da música, da dança, das artes, ou da prática campeira. Sob o aspecto político, o anseio do 35 é preservar a pureza da nacionalidade que se transfigura neste sufocante entrecampo de culturas estranhas à nossa formação social. É anseio do 35 fazer voltar todos aqueles que hoje habitam o Rio Grande do Sul ao ponto de partida comum, às raízes de nossa formação, para que – movidos por idênticas aspirações – possamos avançar irmanados e confiantes, traçando as linhas do futuro sem esquecer as lições do passado. O lema do 35 – em qualquer chão, sempre gaúcho – alma, nesta fase, não o nosso espírito separatista; queremos apenas dizer que, onde quer que estejamos, haveremos de ter à frente a nossa alma crioula, e haveremos de fazer jus ao legado moral que nos deixaram os gaúchos de antanho” (apud Paixão Côrtes, 1994, p. 135).

⁷ O Colégio Estadual Júlio de Castilhos foi considerado por várias décadas um colégio público padrão.

⁸ A Ronda Gaúcha corresponde atualmente à Semana Farroupilha.

⁹ Em relação ao depoimento de Paixão Côrtes, o qual ressalta o fato de os jovens daquela época sentirem-se ameaçados pelo avanço da cultura norte-americana, chamo a atenção para o período histórico em que isso ocorreu, ou seja, o período do pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), momento em que se dá o início da influência dos Estados Unidos – em termos econômicos, políticos, culturais, etc. – no cenário mundial, e não somente no Brasil.

No início, seus fundadores pretendiam que o centro fosse uma agremiação de, no máximo, trinta e cinco participantes, mas depois foi decidido que ela estaria aberta para todos os que dela quisessem participar. O grupo passou então a se reunir aos sábados, para tomar chimarrão e imitar certos hábitos do interior, como as charlas dos peões nos galpões das estâncias.

À criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, seguiu-se a “criação” de várias tradições, a fim de retomar os hábitos e os costumes da região da Campanha e das estâncias, as quais os fundadores do movimento julgavam ser as “autênticas” tradições gaúchas. A esse respeito escreve Oliven que

Embora não quisessem constituir uma entidade que refletisse sobre a tradição, mas um grupo que procurasse revivê-la, era necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo. Assim, a estrutura interna do 35 CTG não utilizou a nomenclatura que normalmente existe em associações, mas adotou os nomes usados na administração de um estabelecimento pastoril, já que os jovens queriam evocar o ambiente de uma estância. No lugar de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, diretor, etc. empregaram-se os títulos de patrão, capataz, sota-capataz, agregados, posteiros, etc. No lugar de Conselhos Deliberativos ou Consultivos, foi colocado o Conselho de Vaqueanos, e em vez de departamentos foram criadas invernadas. De forma semelhante todas as atividades culturais, cívicas ou campeiras, receberam nomes que tivessem origem nos usos e costumes das estâncias gaúchas, tais como rondas, rodeios, tropeadas, etc. (Oliven, 1990, p. 15-16)

Depois da criação do 35 CTG houve, paulatinamente, uma proliferação de Centros de Tradições Gaúchas por todo o Estado do Rio Grande do Sul, em outros estados e no exterior.

Muitos anos depois da criação do primeiro CTG, em 28 de outubro de 1966, no XII Congresso Tradicionalista, realizado em Tramandaí, foi criado o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, o qual é um órgão que coordena as ações dos Centros de Tradições Gaúchas, dos Piquetes de Laçadores e das demais entidades do gênero¹⁰. Todas as entidades filiadas ao Movimento

¹⁰ O MTG tem como filiados os Centros de Tradições Gaúchas, os Piquetes Nativistas ou de Laçadores, os Grupos Folclóricos ou de Arte Nativa e a Estância da Poesia Crioula. Ele também

Tradicionalista Gaúcho são regidas pela Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, de autoria de Glaucus Saraiva, aprovada no VII Congresso Tradicionalista em 1961, sendo ela, portanto, anterior à criação do MTG.

É interessante chamar a atenção para o caráter pedagógico e sobretudo disciplinador do Movimento Tradicionalista Gaúcho e do tradicionalismo, já que esta maneira de ser gaúcho tem de ser aprendida por meio de diversas instituições e está balizada por diversas regras. Obviamente há diversas maneiras de ser gaúcho que não envolvem o tradicionalismo, e elas também têm de ser aprendidas. Mas o tradicionalismo, com todas as suas práticas institucionalizadas, funciona como uma instância privilegiada na qual se aprende a “ser gaúcho”, fixando uma determinada identidade. Podemos pensar nos CTGs, com todas as suas atividades como rodeios, fandangos, concursos de prendas, grupos folclóricos e de arte nativa, missas e casamentos crioulos, enfim, práticas que giram em torno do tradicionalismo e do seu discurso, como uma instituição altamente disciplinadora. Cabe observar, inclusive, que, em algumas cidades do interior, os CTGs são os únicos clubes existentes e várias atividades sociais realizam-se no seu âmbito. Também é importante ressaltar que, para se participar da maioria das atividades promovidas pelos CTGs, é necessário estar pilchado, o que impede a participação de diversos grupos sociais, uma vez que o valor da indumentária gaúcha é bastante elevado.

O primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul foi fundado na cidade de Ponta Grossa, no Paraná, no ano de 1956, seguido de CTGs em São Miguel do Oeste, em 1959, e em Lages, em 1961, ambos em Santa Catarina. Em 1962 foi fundado o Movimento Tradicionalista Catarinense, que, na década de oitenta, passou a ser chamado de Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina.

Ainda de acordo com o levantamento realizado por Oliven (2006), existem, atualmente, nove federações tradicionalistas que representam Estados ou regiões do Brasil. São elas: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Planalto Central e Nordeste. Em Santa Catarina, no ano de 1988, foi realizado o I Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, que possibilitou depois a criação da

realiza anualmente o Congresso Tradicionalista, o Concurso Estadual de Prendas, a Convenção Tradicionalista, o Festival Gaúcho de Arte e Tradição, e coordena e dá assessoramento a eventos tais como rodeios, festas campeiras, festivais nativistas, concursos de prendas e artísticos.

Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), da qual participam as nove federações.

Antes de passarmos às entrevistas, é importante ressaltar que, apesar do seu caráter disciplinador, os Centros de Tradições Gaúchas atraem um contingente significativo de jovens, tanto no Rio Grande do Sul – principalmente nas cidades do interior – quanto em cidades de outros estados do Brasil, como no caso das cidades pesquisadas.

OS JOVENS E O GAUCHISMO

Conforme já foi mencionado anteriormente, nesta seção serão apresentadas narrativas de jovens que nasceram e moram em Mato Grosso – nas cidades de Tangará da Serra e de Campo Novo do Parecis - e de alguns de seus pais – estes últimos, na sua maioria gaúchos que migraram para tais cidades.

Destaco inicialmente o excerto de uma entrevista realizada com um jovem de 18 anos¹¹, que, na época da entrevista, iniciaria um programa em uma rádio da cidade de Tangará da Serra:

Entrevistadora - Ah, é?

Altair – Tô começando um programa gaúcho na rádio. Porque os programas gaúchos que têm aqui eu fico louco de ouvir.

Entrevistadora - Tem muitos programas aqui?

Altair - Tem bastante. É interessante porque a gente vai fazer uma coisa totalmente nova. A gente vai juntar a cultura com entretenimento, música, né? Música, e ao mesmo tempo a cultura. A gente vai, por exemplo, hoje a gente vai falar sobre, vamos dizer, indumentária gaúcha.

Entrevistadora - Ah, tá! Vocês vão trabalhar e falar sobre isso.

Altair - Vamos trabalhar isso junto. Um debate, uma mesa-redonda, e passando o que é para os ouvintes. E ao mesmo tempo escutando as músicas. Já até falei: só nativista.

Um dos marcadores identitários mais importantes para as culturas juvenis certamente é a escolha de certos estilos musicais. Mesmo que os

¹¹ Os nomes dos entrevistados são fictícios, para preservar sua identidade.

jovens não ouçam somente um estilo (TORRES, 2003), as preferências musicais marcam e delimitam as identidades juvenis. Garbin (2001), em seu estudo realizado a partir de salas de conversas – *chats* - de jovens gravadas da Internet, analisou como as escolhas de diferentes estilos de música constituíam identitariamente aqueles jovens.

Segue, abaixo, um outro trecho da entrevista na qual Altair narra as suas aventuras e as de seus amigos, quando eles frequentavam bailes gauchescos no CTG da cidade de Sorriso (MT):

Altair - Tá louco! A gente dormia até no bagageiro do ônibus pra não sair do CTG.

Entrevistadora - Pra não sair do CTG?

Altair - Pra não sair porque era bom.

Atria - Curtir até o último minuto.

Entrevistadora - O último momento.

Altair - Até o último sair de lá. Mas era muito bom lá. Lá o CTG é fenomenal. Maravilhoso! Grande! Muito grande.

Entrevistadora – Em Sorriso?

Altair - É. Se não me engano, é o maior CTG do país. Porque é onde é o centro, o CTG é o parque de exposições também. Então, é tudo junto. Por isso que é grande daquele jeito. E eles estão comprando mais um sítio embaixo. Muita gente.

Para este jovem, tanto a música gauchesca quanto os bailes do CTG ocupam espaço central, possibilitando que ele se posicione socioculturalmente no mundo, sendo o CTG uma comunidade de pertencimento para os jovens.

Estes jovens, que em certos momentos ocupam uma posição de sujeito no universo do gauchismo e do tradicionalismo, também levam seu *estilo* para a sala de aula – assim como os metaleiros, os *punks*, etc. -, conforme explicita o entrevistado:

Altair - É, aos poucos eu vou colocando. Não vai ter jeito. Os meus professores ficavam malucos na sala. Pediam pra fazer uma redação, elas davam o tema, e eu não conseguia fazer sobre aquele tema. Ai eu falava: “professora, eu posso fazer uma redação com o tema que eu inventar?” “Pode”. Ai eu fazia qualquer outra coisa no meio gaúcho. Sempre, sempre, sempre.

Muitos pais também demonstram o seu orgulho pelo fato de seus filhos possuírem o “sentimento de amor” pelo Rio Grande do Sul e pelas tradições – e provavelmente os incentivam -, como mostram os excertos abaixo:

Antares- Não, porque normalmente filhos de tradicionalistas, filhos de gaúchos, mesmo não tendo nascido lá têm esse sentimento de amor ao Rio Grande.

Alhena - Sim.

Entrevistadora - Começou por ti.

Antares - É. Começou por mim. Porque eu já não sou de lá e gosto, né? Agora o G usa bombacha. Toda semana farroupilha ele quer....

Alhena - A bombacha dele não serve mais. Tenho que comprar uma pra ele esse ano.

Entrevistadora - E ele sabe o que é a semana farroupilha, essas coisas?

Antares - Ele sabe, ele sabe tudo. Ele sempre cobra a gente. A semana farroupilha a gente sempre tem os programas, os folhetos, a programação da semana farroupilha. Quando ele vê a gente com aqueles troços na mão ele: “e a minha bombacha? E a bombacha? E a bombacha?”

Entrevistadora - E ela também se veste de prenda?

Antares - Veste, veste. Só não é aquela coisa assim, que nem a gente estava falando, né? Não dançam no grupo de dança, mas gostam de...

Alhena - Pelo fato de ter que dançar com um menino ela diz que tem vergonha, não quer dançar.

Entrevistadora - Tomam chimarrão e tudo?

Alhena - Tomam. Quando eu tô em casa de manhã que eu faço, eles tomam comigo. E o Antares chama, mas nem com ele ela quer ir dançar lá. É tímida. É diferente.

Atria - Mas isso eu acho muito interessante, como os filhos de gaúcho conseguem se conservar e se sentir... e cultivar as tradições e serem gaúchos, né? Sem ter nascido lá.

Como fica explícito, a maioria de filhos de gaúchos nascidos nas cidades pesquisadas possui alguma relação como o tradicionalismo. Mas há, também,

o caso de jovens que não possuem pais ou familiares gaúchos e que, mesmo assim, participam de grupos de danças ou de atividades nos CTGs, como é o caso do garoto japonês mencionado na entrevista a seguir ou dos nordestinos:

Entrevistadora - Tem grupo mirim, né? (No CTG)

Alhena - Tem. Invernada mirim.

Antares - Não, mirim não. É juvenil.

Entrevistadora - E esses jovens são gaúchos ou são filhos, na sua grande maioria, que nasceram aqui ou em outros lugares?

Antares - A maioria nascido aqui. Maioria nascido aqui.

Alhena - Ali tem filhos de gaúchos e filhos de outros estados, de outras origens. Ali têm pessoas assim... tinha uma época, até nem sei se continua frequentando, um japonês que fazia parte do grupo.

Antares - Não. Ele não está mais.

Alhena - Não está mais, né? Mas tinha. Tinha um japonês que fazia parte do grupo de dança. Tem assim de todos... pessoas que nasceram aqui, pessoas que não são gaúchas e tal, mas que gostam e cultivam a tradição, participam. Então, o grupo de dança é bem mesclado. Não é formado só por tradicionalistas, só por pessoas descendentes de gaúchos. Não. Ele é bem diversificado.

Capella – Mas tem um detalhe, têm muitos gaúchos adotados, isso a gente faz muito. Meu filho, por exemplo, ele faz parte do grupo de dança, ele compra disco de música gaúcha, ele se identifica, e eu fico feliz porque eu penso, aí tá vivo, e os amigos dele já vão, por exemplo, no CTG, e nós temos no CTG não só filhos de gaúchos, nós temos nordestinos no CTG, eles começam a adotar.

Capella – Então isso é interessante como isso se esvai na cultura. Então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com o CTG permanente, ir lá no dia do baile, eu deixo o meu marido sozinho em casa em dia de baile e vou, porque ele não gosta, ele não sai, mas eu vou a tudo que é festa, dança, o que quer que seja, mas o CTG é uma coisa que eu cuido muito, porque vão todas as famílias com os seus filhos, independente de idade, a dança, lá é uma festa familiar. A minha irmã, o meu cunhado, pra ir no baile nós vamos todos.

A partir dessas entrevistas chamo a atenção para uma outra questão, a que se refere à preocupação dos pais no sentido de que as tradições gaúchas sejam mantidas e se conservem através dos seus filhos, para que haja uma continuidade das mesmas. Chamo a atenção para o fato de que a idéia de transmissão de valores e de tradições para as novas gerações é o que sempre deu sustentação a qualquer empreendimento educativo. Se por um lado existe o interesse de uma grande parte dos filhos de gaúchos pelas tradições – “ele cobra a gente”/“e a minha bombacha?” -, por outro percebe-se que há, em muitos casos, um incentivo dos pais para que tal interesse se manifeste – “então eu penso assim, os filhos dos meus filhos, se a gente não se mantiver nessa ligação com CTG permanente, ir lá no dia do baile(...)”.

Outro aspecto a ser levado em consideração quando se reflete sobre a identidade gaúcha formada diasporicamente diz respeito à aparente contradição entre, de um lado, o recrudescimento de todos os sistemas simbólicos mobilizados pelo gauchismo – frequentar CTGs, utilizar a indumentária gaúcha, tomar chimarrão, etc. – e, por outro lado, todo o contexto mundial da globalização, o qual, de acordo com o que foi discutido anteriormente, propiciaria a construção de identidades mais globalizadas, inseridas nos padrões da modernidade-mundo (Ortiz, 2000).

Pois bem, autores como Hall (1997), Canclini (1999) e Woodward (2000) argumentam que, frente a todo esse processo de formação de uma sociedade com características globais, a relação entre o local e o global se processa a partir dos mais diferentes arranjos. Segundo Canclini (1999, p. 47), “a globalização, mais do que uma ordem social ou um processo único, é o resultado de múltiplos movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, os quais implicam diversas conexões ‘local-global’ e ‘local-local’”.

Uma das possibilidades de conexão entre o local e o global nesse cenário é a reafirmação das identidades locais. No caso da identidade gaúcha, esse recrudescimento pode ser justificado tanto pela sua relação com o global quanto pela sua relação com o outro – também local -, em um processo contínuo de novos arranjos e de novos posicionamentos identitários. Nesse sentido, Woodward (2000, p.21) afirma que a globalização “produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais ou locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade”.

Oliven (2006, p. 206) também argumenta que a problemática das nações e da tradição permanece sendo atual, no contexto da globalização, sobretudo pelo fato de as pessoas continuarem a nascer em um determinado país ou região, falarem a sua língua e se identificarem com alguns símbolos e valores nacionais e/ou regionais. Segundo o autor, “a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estão desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o local mais importante do que nunca”.

Dessa forma, cabe ressaltar as várias formas de pertencimento e as diversas posições de sujeito ocupadas por estes jovens, uma vez que, ao mesmo tempo em que eles ouvem música gaúcha e freqüentam os CTGs, eles estão conectados à Internet e a todos os artefatos da modernidade-mundo.

Para finalizar, gostaria de ressaltar a importância da pedagogia do gauchismo, com todas as suas instituições e práticas, no sentido de interpelar jovens e de os constituir identitariamente também a partir de seu universo simbólico.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*. Campinas, SP: Página Aberta, 1994.

CANCLINI, Nestor García. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

CÔRTEZ, Paixão. *Origem da Semana Farroupilha. Primórdios do Movimento Tradicionalista*. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus – Antropología de la juventud*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. *A pedagogia do gauchismo: uma análise a partir da diáspora gaúcha*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2006. Tese de Doutorado.

_____. *Aprendendo a ser gaúcho/a*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002. Dissertação de Mestrado.

GARBIN, Elisabeth Maria. Cenas juvenis em Porto Alegre: lugarizações, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SOMMER, Luís Henrique;

BUJES, Maria Isabel (orgs.). *Educação e cultura contemporânea. Articulações, provocações e transgressões em novas paisagens*. Canoas: Ulbra, 2006. p. 199-215

_____. *www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br: um estudo de chats da Internet*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2001. Tese de Doutorado.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil-nação*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. “O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental”: o tradicionalismo gaúcho. *Cadernos de Antropologia*. n. 1. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 1990.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estúdio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*. n. 23, mai/ago. 2003. p. 103-117

TORRES, Maria Cecilia Araújo Rodrigues. *Identidades musicais de alunas de Pedagogia: músicas, memórias e mídia*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2003. Tese de Doutorado.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72